



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

## **Rádio em Boa Sorte – uma comunidade negra<sup>1</sup>**

**Daniela Cristiane Ota**

Uniderp – Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal

**Resumo:** A Comunidade Negra Furnas de Boa Sorte, situada a 130 quilômetros de Campo Grande (MS) é um das localidades que tem no rádio a pilha o principal veículo de comunicação de massa. Fundada por ex-escravos, em Boa Sorte verificamos grande riqueza quanto a ritos, tradições e conhecimentos populares que se mantêm através da memória coletiva. A própria origem da Comunidade remete as histórias contadas pelos mais antigos. Sendo assim, a oralidade foi um importante aspecto observado, para a consolidação do rádio no local, já que a maior parte dos moradores é analfabeta. “Neste sertão” como costumam dizer os moradores, o rádio é tido como o elo entre a comunidade e outras localidades. Saber notícias de parentes e amigos é o item principal que faz com que todos ouçam o programa Hora do Fazendeiro veiculado pela Rádio AM Educação Rural.

**Palavras-chave:** negros, rádio, recepção

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP13 – Núcleo de Pesquisa Comunicação e Cultura das Minorias, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

### **Rádio em Boa Sorte – uma comunidade negra**

Nos anos 90, os pesquisadores foram dominados pelo fascínio da novas tecnologias. A possibilidade de transmitir uma informação instantaneamente e poder atingir um número cada vez maior de receptores despertou também para a relação entre as pessoas e os meios de comunicação de massa. Neste relacionamento, permeado por influências culturais, sociais e psicológicas as mediações são importantes pois envolvem a subjetividade e o próprio espaço de simbolização da sociedade.

A investigação da relação entre um produto da indústria cultural em determinado grupo social modificou-se na medida em que o receptor deixou de ser visto como um ser passivo. Nos estudos desenvolvidos na América Latina, verifica-se um campo privilegiado para pesquisas, advindo por fatores como a mestiçagem e a hibridização que permitem a aproximação de termos como cultura e comunicação, caracterizando a recepção como um processo de interação e de negociação dos sentidos.

Neste contexto acreditamos que o rádio é o veículo de comunicação de massa que apresenta maior capacidade eletrônica de se fazer presente no cotidiano das pessoas, devido a características como o baixo custo, disponibilidade de recepção em praticamente todos os lugares a toda hora e por exigir do receptor apenas o uso de um sentido, a audição.

Em Mato Grosso do Sul, a constatação é verificada. O rádio constitui-se em um importante meio de comunicação de massa, podendo se fazer presente nas mais remotas regiões do Estado. Baixo custo, penetração, oralidade, instantaneidade, mobilidade, entre outros, contribuíram na popularização do veículo. Atualmente, populações isoladas pelas cheias do Pantanal e comunidades que não têm energia elétrica utilizam o rádio como um fundamental instrumento de informação e prestação de serviços.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A Comunidade Negra Furnas de Boa Sorte, situada a 130 quilômetros de Campo Grande (MS) é uma das localidades que tem no rádio a pilha o principal veículo de comunicação de massa. Em consequência do isolamento e de outras dificuldades como a falta de energia elétrica, os moradores da área não tem contato constante com outros *mass media* como televisão, jornais, revistas, entre outros. Isso faz com que na sociedade do audiovisual, seja possível identificar moradores cujo imaginário ainda é construído basicamente através da audição.

Fundada por ex-escravos, em Furnas de Boa Sorte verificamos grande riqueza quanto a ritos, tradições e conhecimentos populares que se mantém através da memória coletiva. A própria origem da Comunidade remete as histórias contadas pelos mais antigos. Sendo assim, a oralidade foi um importante aspecto observado, para a consolidação do rádio no local, já que a maior parte dos moradores é analfabeta.

“Neste sertão” como costumam dizer os moradores, o rádio é tido como o elo entre a comunidade e outras localidades. Saber notícias de parentes e amigos é o item principal que faz com que todos ouçam o programa Hora do Fazendeiro veiculado pela rádio AM Educação Rural de segunda a sábado, das 12h10 às 13h30. O slogan veiculado caracteriza bem a proposta da emissora: “Há mais de 40 anos levando informações e prestando serviços às comunidades localizadas nos mais distantes rincões de Mato Grosso do Sul”.

No processo para identificarmos como os moradores da Comunidade Furnas de Boa Sorte recebem o programa, buscando entender a importância do rádio no cotidiano das pessoas, percebeu-se no local que o veículo impera soberano e sem contestações. No processo de recepção foram percebidas fortes mediações quanto aos valores e crenças e ainda relações como a própria cotidianidade, origem rural, laços de família, entre outros.

Neste trabalho optou-se pela análise qualitativa, com observação participante, seguindo orientações da história oral. Para a coleta de dado também foi aplicada entrevista semi-estrutura, pois entendemos ser importante direcionar o estudo para a obtenção de dados. Quanto aos depoimentos coletados durante a pesquisa, optamos pela transcrição exata, preservando o modo de falar dos moradores da Comunidade.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

O trabalho tem dois pontos principais. O primeiro tem como objetivo relatar o (re)surgimento das comunidades remanescentes de quilombo e retratar um pouco da luta do negro para o reconhecimento da cidadania, desde o período da escravidão. Depois, em um segundo momento analisamos o rádio como o veículo que revoluciona a comunicação de massa. Através da trajetória histórica e enfocando características como a agilidade na transmissão da informação, mobilidade, oralidade, onipresença, entre outros, procuramos demonstrar a popularidade e o grande alcance público desse veículo. Questões como comunicação e cultura e recepção e mediação também são levantadas, pois entendemos o rádio como o meio de massa que apresenta maior capacidade eletrônica de fazer-se presente no cotidiano das pessoas.

### **Negro, cidadão?**

Era o ano de 1888 e muitos comemoravam a abolição da escravatura realizada pela Princesa Isabel. No entanto, a data marca apenas a continuidade da luta dos negros pela valia dos seus direitos, enquanto cidadãos brasileiros. Ilka Boaventura Leite (1999) cita que 100 anos depois, em 1988, quando a Constituição Brasileira foi promulgada, o País perde outra vez a chance de rever a exclusão que impôs aos negros. “Novamente a luta pela cidadania periga perder sua força, aquilo que poderia gerar transformações (...)”. Na concepção de Thomas Skidmore (1976, p. 63) os reflexos da abolição foram desastrosos e imediatos, pois abandonaram os negros à própria sorte.

Desde a promulgação da Constituição Federal de 1988, diversas comunidades afro-brasileiras, descendentes de africanos escravizados, passaram oficialmente a ser designadas como áreas remanescentes de quilombo. Documento produzido pela Fundação Cultural Palmares esclarece:

Comunidades remanescentes de quilombos são aquelas que apontam para uma identidade étnica de predominância negra, localizadas, em sua maioria no contexto rural – a um regime especial os territórios onde estes grupos étnicos desenvolvem atividades fundamentais à sua reprodução física e cultural.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A expressão “remanescente de quilombo” que reaparece na década de 80 vem demonstrar a ânsia de mudanças na sociedade brasileira, quanto à identidade do negro no Brasil. Um dos pioneiros a levantar essa questão é Abdias Nascimento, suplente de senador, que elabora uma proposta de emenda à Constituição nº 38 de 1997, garantindo às referidas comunidades remanescentes de quilombo os mesmos direitos assegurados às populações indígenas, defendendo a exploração econômica das áreas, de forma a preservar a identidade cultural.

A origem das áreas consideradas remanescentes de quilombo, remetem a história de um pequeno grupo familiar. Boaventura Leite (1999) explica que: “...instalando-se em terras devolutas do Estado, em áreas desvalorizadas ou inóspitas (...) O grupo cresce, torna-se uma família extensa ou várias delas vivendo como uma comunidade”. Em Boa Sorte, essa definição é verificada. Os mais antigos tem como grande recurso de manutenção da tradição e da própria identidade a memória, verdadeiro arquivo de nomes, datas e casos pitorescos. Tal fato é reiterado por Joseph Luyten (1987) “(...) as sociedades humanas, quando são iletradas, têm como único recurso a memória para guardar aquilo que acharem importante”.

David Riesman (1968) diz que quando uma sociedade depende da memória, recorre a quesitos como à rima, ao ritmo, à melodia, à mestria dispositiva, à repetição de sons e imagens. “Para os homens da tribo, as palavras são como a água que deve passar de mão em mão com o maior cuidado para que nem uma gota se perca”. Gusmão (1995) também reforça a idéia dizendo que a memória é fundamental para a organização da identidade pessoal e coletiva, posto que “ordena a percepção de si e de seu mundo; constrói e instaura o sentimento de pertença ao lugar e à coletividade e informa o código simbólico de referência do espaço social e físico”. Formando assim, segundo Muniz Sodré, uma comunicação no tempo, com a transmissão de saberes entre gerações.

Renato Ortiz (1994, p. 137) explica que o conceito de memória coletiva, adota grupo como unidade de referência sociológica; podendo este ser ocasional como um pequeno conjunto de jovens que se reúnem eventualmente ou permanentes exemplificado



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

pelas coletividades religiosas. Ortiz cita o candomblé, onde em cada terreiro é reforçado os laços de solidariedade e os valores negro-africanos.

Em Mato Grosso do Sul foram catalogadas dez comunidades remanescentes de quilombo. São elas: Pontinha do Coxo, Comunidade de São Benedito, Morro do Limão, Vista Alegre, Furnas de Boa Sorte, Furnas dos Dionísios, Bairro do Feijão Queimado, Comunidade Negra de Sidrolândia, Comunidade Negra de Aquidauana e Comunidade Negra de Sete Quedas.

Podemos ainda dividir as comunidades em rurais e urbanas. Pontinha do Coxo, Vista Alegre, Furnas de Boa Sorte, Furnas dos Dionísios, Comunidade Negra de Sidrolândia, Comunidade Negra de Aquidauana e Comunidade Negra de Sete Quedas são consideradas rurais. As demais localizam-se em bairros situados na cidade. Cada uma delas apresenta aspectos diferentes e de grande valor cultural. Em algumas das chamadas comunidades urbanas, os costumes dividem espaço com novos hábitos e a ocupação da área não é feita mais em caráter coletivo.

A Comunidade Negra Furnas de Boa Sorte, localizada no município de Corguinho (MS), a 130 km de Campo Grande, está entre as 50 áreas brasileiras remanescentes de quilombo indicadas para identificação e delimitação, proposta pela Comissão Nacional Provisória de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas.

Fundada por ex-escravos, oficialmente, a ocupação da área remonta ao século XIX, do período escravista. A história da comunidade é calcada pela oralidade, o que dificulta a obtenção de dados precisos. Aliado a isso, ao se estudar uma comunidade remanescente de quilombo como alerta Gusmão (1995), é preciso observar as diversas falas - as visíveis, as audíveis, as silenciosas, caladas, fragmentadas, entre outras. “(...) a fala com o estranho é regulada pelo código de duplicidade: o que é dito nem sempre corresponde ao que é feito e o que é feito nem sempre se espelha no acontecido”.

Os moradores mais antigos e descendentes diretos dos fundadores relatam que as famílias são provenientes de Minas Gerais e se fixaram no local atraídas pelas belezas naturais, abundância de água e pela posição estratégica - localizada entre morros, que fazem parte da Serra de Maracaju. A história de Boa Sorte remete à chegada dos primeiros



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

negros no local, Bonifácio Lino Maria e José Matias Ribeiro, que formaram as Fazendas Boa Sorte e São Sebastião, respectivamente. Depois, Gabriel Lourenço Alves, neto dos dois fundadores instalou na região a Fazenda Caridade. No início toda a área era denominada Fazenda Taboco, que tinha a criação extensiva de gado de corte como principal atividade econômica.

Em 1864, tem início a Guerra do Paraguai. Nesse período, a Fazenda Taboco esteve na rota de passagem para os soldados da guerra. Já no século XIX, a Fazenda Taboco caracteriza-se como uma área de passagem para as minas, principalmente de exploração de ouro e diamante, localizadas em Cuiabá. Ainda hoje alguns moradores tentam a sorte em córregos próximos.

Cercada por morros que compõem a Serra de Maracaju, o referencial para se chegar até a comunidade é o morro de Boa Sorte, também conhecido como São Sebastião. Conforme depoimento dos descendentes dos fundadores, na vinda para o então Estado de Mato Grosso, os ex-escravos buscavam terras férteis para se fixarem. Sem provisões, chegavam a passar longos períodos em outros estados, plantando e armazenando alimento para continuarem a viagem. Na escolha da região, os atuais moradores contam que Bonifácio se encantou com o morro de Boa Sorte, estabelecendo-se de vez no local com a família, que contava com mais de 15 filhos.

Os mais antigos, hoje netos e bisnetos de Bonifácio dizem que ele morreu com 115 anos. Bonifácio Lino Maria e a esposa Florência estão enterrados na Fazenda Córrego da Ponte (conhecida pelos moradores como Corgo da Ponte, na cabeceira do Carrapato). De acordo com informações dos descendentes, a comunidade abriga hoje dois cemitérios, instalados na área de Boa Sorte. A expectativa de vida dos habitantes é alta, atingindo mais de 70 anos.

Furnas de Boa Sorte vive hoje entre a 5ª e 6ª gerações de descendentes dos fundadores. Ao todo, cerca de 35 famílias ocupam uma área de 1.402 hectares. No entanto, laudo técnico emitido pelo Departamento de Terras de Mato Grosso do Sul (Terrasul) amplia a região pertencente aos quilombolas para 1.733 hectares, fazendo com que pequenas áreas da comunidade localizem-se em propriedades privadas. Quanto ao



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

requerimento das terras, os moradores dizem que o primeiro processo data de 1906. No entanto, alguns fazendeiros vizinhos e até mesmo pessoas da comunidade dizem que data de 1912. Na primeira versão, alguns descendentes dizem que os negros da região tiveram a iniciativa de solicitar o requerimento das terras. Por outro lado, moradores também afirmam que a família Alves Ribeiro, proprietária da Fazenda Taboco, ajudou no pedido de requerimento. Historicamente, isso encontra respaldo em uma prática comum no período da escravidão, a de reconhecer os escravos pelo sobrenome dos senhores. Um dos fundadores da comunidade se chamava José Matias Ribeiro.

Atualmente, os mais de 150 moradores da comunidade se dividem em quatro áreas: Carrapato, São Sebastião, Boa Sorte e Caridade. Na tentativa de manterem uma organização para cuidar de assuntos referentes ao reconhecimento da terra foi criada a Associação de Desenvolvimento da Comunidade Furnas de Boa Sorte, cujo primeiro presidente eleito no biênio 1997/99 foi Genes Caetano da Silva. Nessa gestão, os moradores, através de convênio, conseguiram implantar um moinho de engenho e uma mini-usina destinada à produção de farinha, açúcar mascavo, rapadura, entre outros. O objetivo era garantir renda aos quilombolas. No entanto, atualmente o maquinário está parado e a produção desativada, devido à falta de matéria-prima.

Nas pessoas que saíram da comunidade é possível identificar a incorporação de novos hábitos no cotidiano. Quanto à religião, a maior parte diz seguir os preceitos da religião católica. Isso pode ser explicado pois, em alguns períodos, o Padre Zelito, da diocese de Campo Grande, reza missa no local. A influência também pode ser advinda pela rádio de maior audiência no local - Rádio Educação Rural -, que pertence a Igreja Católica. No entanto, pessoas que viveram em outras localidades e tiveram contato com outras crenças, seguem outros caminhos. Arcílio é evangélico e sua mulher, por exemplo, segue algumas regras como não cortar o cabelo e não vestir calça comprida.

Apesar das mudanças, o que se percebe é que as áreas remanescentes de quilombo ainda guardam o cotidiano verificado no século passado. No local, as casas são feitas de barro ou de pau-a-pique, constituindo-se basicamente em um quarto, de uso coletivo, e a cozinha, construída nos mesmos moldes em uma área separada, e que representa o lugar de



maior convívio social da família. As moradias são distantes umas das outras e no caminho é característico o uso de trilhas cobertas pelo mato e a travessia de córregos. Sem energia elétrica e saneamento básico, em geral, as famílias utilizam a água dos córregos e riachos próximos às casas, para higiene e preparo dos alimentos. Dentre os principais cursos d'água, citamos os córregos Caçadinha e Queixada e o rio Boa Sorte.

Cerca de 10% dos moradores contam também com poço cisterna, coletando a água com balde. Há uns quatro anos atrás foi implementada uma outra alternativa pela Fundação Nacional de Saúde (FNS), tendo sido furados poços nos quintais, porém os mesmos não funcionam, e as residências continuam sem água.

Quanto à infra-estrutura para educação e saúde, os moradores contam apenas com a Escola Municipal de Ensino Fundamental - Padre José de Anchieta, com aulas às segundas, terças e quartas-feiras, onde estudam 22 crianças. A partir da 5ª série do Ensino Fundamental, os estudos são realizados na região do Taboco, distante cerca de 35 km da comunidade. Para tanto, a Prefeitura Municipal de Corguinho disponibiliza transporte e motoristas (também chamados de “puxadores”) para o deslocamento dos estudantes. O posto de saúde mais próximo fica em Corguinho, e o tempo de locomoção dura, em média, duas horas.

As famílias sobrevivem da agricultura de subsistência e de pequenas criações de animais, principalmente, galinhas. Podemos notar também que, além da cozinha e do quarto, um rústico galinheiro é um dos poucos recursos de infra-estrutura adotados pelos moradores. Na casa de Maria de Jesus Lino de Barros, 53 anos, encontramos também um engenho de cana, movido à tração animal, onde são feitos caldo de cana e rapadura para o consumo da família. Hortas são quase inexistentes e o cavalo continua a ser o meio mais rápido de locomoção para os moradores. Algumas famílias mantêm pomares com frutas como mamão, maracujá, laranja, entre outras.

O modo de vida rústico é uma característica notada até mesmo nos chamados quilombos urbanos. Quilombos do Estado de São Paulo, como Cafundó e o de Nhunguara, por exemplo, também guardam peculiaridades similares no que se refere ao sistema de produção, voltado para a subsistência, questão cultural e os casamentos entre parentes. Em



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Boa Sorte, ritos e tradições como o uso de ervas e a presença de benzedeiras ainda são verificados. Plantas e árvores são utilizadas para curar alguns males, como o chá de lascas de aroeira que é usado para acabar com problemas intestinais, como a dor de barriga. Outro ensinamento é passar óleo diesel no rosto e nas mãos para evitar doenças transmitidas por insetos.

O uso de parteiras, muito comum nas comunidades rurais, foi uma das poucas práticas que perderam definitivamente espaço. Anália Maciel Catarino, 60 anos, parteira desde a adolescência, diz que hoje as moças não querem mais “parir” em casa. “Se puder ir para ao hospital acho melhor, não corre o risco de perder o filho ou de ter dificuldades no parto”. Anália diz que antigamente por falta de opção e porque as estradas eram piores ainda não havia outro jeito senão esperar pelo filho na comunidade mesmo.

Outro costume é o batizado sem a presença do padre, feito em casa. Quando se tem uma fogueira, principalmente, nos meses de junho, julho e agosto, os moradores aproveitam e realizam o batizado na fogueira. Nesse ritual, Lusa Maria da Conceição Santos, que mora há seis anos na comunidade na região da Caridade, conta que são aproveitadas as fogueiras feitas nas festas em homenagem a santos como Santo Antônio, São João, São Pedro, entre outros. “Rezamos um terço curto, com três Ave-Maria e um Pai-Nosso”.

Nessa terra de negros, os casamentos entre parentes, principalmente primos, continuam preferenciais. Em Boa Sorte, os jovens se divertem em partidas de futebol ou ouvindo música. O espaço de maior convívio social da comunidade, onde são realizadas reuniões, encontros e casamentos, é a área da escola municipal localizada em um terreno de 19 hectares que pertence à Anadir Bonifácio Catarino. Em geral, as jovens casam cedo. Marcelina Lina de Barros, 28 anos, quatro filhos, diz que não há muitas opções no local, por isso, as moças costumam constituir família logo.

Apesar de preferenciais os casamentos entre parentes, encontramos moças que se casaram com brancos. Um exemplo é Cleonice Lino de Barros, casada com José Marlei Ferreira Vargas, loiro de olhos azuis, que trabalhava realizando serviços gerais em fazendas próximas à comunidade. Atualmente, o casal vive em Boa Sorte e sobrevive da agricultura de subsistência e de pequenos serviços em fazendas vizinhas.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Praticamente todos os que moram em Boa Sorte são parentes. Sem qualquer laço familiar com a comunidade, mas integrada aos costumes e hábitos, foram identificadas duas famílias. Uma delas é formada por Lusa Maria da Conceição Santos, membro do Conselho de Saúde do município de Corguinho, o marido e o filho, que vivem no local há seis anos. A outra é integrada por Manoel da Silva, a esposa Neuza Maria da Silva, e duas filhas que moram em Boa Sorte há dois anos, após adquirir parte das terras de Anadir. A família de seu Manoel se dedica à agricultura, produção de ovos e artesanato. Durante a pesquisa, verificou-se que esse é praticamente o único núcleo familiar que desenvolve atividade com fins lucrativos. Parte da renda hoje provém da comercialização de ovos, cerca de 12 dúzias por semana, vendida principalmente para o Projeto Portal.

Na comunidade, imperam as formas de trabalho voltadas para a subsistência e quando não se dedicam à atividade rural, os moradores buscam emprego como peões e cozinheiras, em fazendas vizinhas. No entanto, com a implantação do Projeto Portal há quatro anos, pelo ufólogo Urandir Fernandes de Oliveira, em uma área vizinha à Boa Sorte, muitos trocaram a lida no campo, empregando-se como auxiliar de serviços gerais, recebendo, em média, de dois a três salários mínimos. O chamariz do Projeto Portal é a caracterização da área como propícia para pouso de UFO's ou objetos não identificados. O misticismo e as belezas naturais do local atraem pessoas de todos os lugares do Brasil. Desde o funcionamento, o projeto já recebeu mais de 20 mil visitantes. Em alojamentos e pequenas casas, nos finais de semana, o projeto chega a acomodar mais de 400 pessoas.

Por causa das pessoas que visitam o projeto, Urandir investiu na melhoria das condições da estrada. O grande fluxo de carros para o Portal também é uma boa oportunidade para os moradores pegarem carona, dispensando assim o uso do cavalo ou as caminhadas, práticas normalmente utilizadas quando precisam ir até a cidade. Outro modo comum, é esperar que algum automóvel passe pela porteira das fazendas, o que antes do projeto durava dias. Para os moradores, o ufólogo é um benfeitor, pois com o projeto há maior facilidade de locomoção e emprego para as pessoas da comunidade, garantindo aumento na renda familiar.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Quanto à identificação de objetos e discos voadores, os moradores a exemplo dos que vivem em Furnas dos Dionísios, comunidade quilombola localizada no município de Jaraguari (MS), mencionam terem visto carros andando no morro; o que não é viável. A única forma para escalar os morros que cercam a comunidade é a pé, através do alpinismo, rapel, entre outras práticas. Segundo os moradores, é comum também observar bolas de fogo nas montanhas, que podem caracterizar a presença de ouro de aluvião ou de ossos no local, e a presença de pedras em formato de disco voador.

A “descoberta” recente da comunidade, pelos órgãos de imprensa, é um fator que chama a atenção. Boa Sorte começou a ser descoberta pela mídia através do Projeto Portal. Estamos falando de uma comunidade até certo ponto “ingênua” que não está acostumada a visitantes e à agitação da cidade, e tem também seus problemas. O alcoolismo é uma prática verificada na comunidade. Sem se referirem propriamente à dependência de álcool, eles chegam a pedir remédio que cure o mal. A introdução de bebida alcoólica na comunidade foi estimulada com a implantação de um bolicho, que funciona como uma pequena mercearia, nas terras de Boa Sorte. Ponto de encontro dos mais jovens, principalmente rapazes, no local também está instalada uma mesa de sinuca.

O trabalho de recepção de rádio em uma comunidade remanescente de quilombo permitiu verificar o quanto é importante o aprofundamento nas pesquisas sobre o universo cultural dos receptores. Nessa perspectiva pudemos observar que a popularidade do programa Hora do Fazendeiro na Comunidade Negra Furnas de Boa Sorte refere-se as questões da utilidade pública.

Entre os moradores de Furnas de Boa Sorte, ouvir a Hora do Fazendeiro é uma necessidade. O recebimento de notícias de parentes e amigos, que moram fora da Comunidade, é feito por bilhetes, através de visitantes ou então pelo rádio; sendo que as duas primeiras citações esbarram em barreiras como o analfabetismo e a dificuldade de acesso. Sem contato com outras tecnologias como o telefone e sem disporem de meio de condução, resta ao rádio a pilha realizar a ligação entre a localidade e o mundo.

A questão do entretenimento acaba se perdendo devido ao fator econômico. Na Comunidade, a maior parte dos moradores não têm renda ou ganham até um salário



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

mínimo, assim, a compra de pilhas significa um acréscimo nas despesas da casa; e fazem com que o aparelho seja utilizado especificamente no horário em são transmitidos os recados. A audiência do programa pode ser explicada através de algumas considerações: Hora do Fazendeiro é o único programa com este formato presente em Furnas de Boa Sorte e a veiculação é feita em horário em que todos os moradores estão em casa. No entanto, vale ressaltar que mesmo aglutinando características que facilitam a popularização, o programa merece destaque por ser mais do que um mero veículo transmissor de mensagens.

Podemos concordar ainda que as várias características intrínsecas ao veículo foram fatores importantes na adoção deste veículo como meio de comunicação eletrônico. A capacidade de transmissão mesmo em locais que não contam com energia elétrica, a oralidade, o baixo custo do aparelho, entre outros, podem ser apontados como pontos favoráveis.

Neste processo, entendemos que as mediações foram fundamentais no próprio entendimento sobre a audiência e no questionamento sobre por que os negros de Boa Sorte ouvem este programa especificamente. A pesquisa também determinou a aliança entre conceitos como comunicação e cultura. Na avaliação de Jesús Martín Barbero, os estudos de recepção na América Latina tem como item favorável a mestiçagem, que permite perceber a mistura e a multiplicidade de conhecimentos, que passam a operar em nossa sociedade; fazendo com que diferentes identidades culturais se mesquem.

Por apresentar um modo de vida bastante peculiar, a coleta de dados no local de vivência permitiu o resgate da cotidianidade da recepção. Tendo como referência os trabalhos desenvolvidos por Jesús Martín Barbero, compartilhamos o pensamento no qual a mediação é entendida como um lugar de interação entre os processos de produção e recepção, onde a apropriação da mensagem acontece através do próprio modo de vida do indivíduo.

A dependência dos moradores com o programa faz com que seja estabelecida uma relação de grande credibilidade. Mesmo sem conhecer os produtores e os locutores, a Comunidade acredita que o formato da Hora do Fazendeiro foi feito pensando neles, com o



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

objetivo de atender às suas necessidades. Na realidade, os emissores, no caso o diretor-geral da rádio e o apresentador, têm conhecimento sobre a importância do programa para as comunidades isoladas de Mato Grosso do Sul, mas não há uma preocupação voltada especificamente para esse atendimento. As lembranças e as músicas são veiculadas apenas quando a emissora recebe uma mensagem a ser transmitida para Furnas de Boa Sorte.

No caso das mediações, julgamos que a própria origem rural faz com que os moradores se envolvam com o programa. O jeito do locutor falar as expressões utilizadas dão um tom de familiaridade. O fato foi verificado também junto as pessoas que têm como hábito de assistir as transmissões coletivas da televisão. Mesmo de forma esporádica, uma vez por mês, foi possível observar preferência por alguns programas, como o humorístico Chaves transmitido pelo SBT e, em especial, o reprise da novela Rei do Gado, por causa da personagem Luana. O modo de falar da cortadora de cana fazia com que os negros entendessem e assimilassem as mensagens ao seu cotidiano.

Reconhecidos como negros descendentes de ex-escravos, a Comunidade acredita que está a um passo da conquista de seus direitos. Mesmo perdidos em um passado, a falta de infra-estrutura não incomoda pois este sempre foi o modo de vida destas pessoas. Os laços familiares são arraigados e determinam toda a constituição social do local. Pelos vários aspectos levantados durante a pesquisa e pela complexidade e riqueza dos vários itens que constituem este estudo, entendemos que as considerações feitas são contribuições para o desenvolvimento e aprofundamento maior que o tema exige.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

## BIBLIOGRAFIA

- CAMPESTRINI, Hildebrando, GUIMARÃES, Acyr Vaz. *História de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Brasília, 1995.
- CANCLINI, Nestór García. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Culturas híbridas*. Revista Telos, 1989, nº 19, Madrid, Fundesco.
- ESCOSTESGUY, Ana Carolina. *Um olhar sobre os estudos culturais latino-americanos*. In: V Congresso Latinoamericano de Ciências de la comunicacion. GT Teorías y metodologias dela investigación en comunicaci3n. ALAIC 2000, Santiago, Chile. 2000.
- FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. “*Alô Pantanal – Estudo sobre a relação entre um programa de rádio e três comunidades rurais do município de Corumbá/MS*”. São Bernardo do Campo: Dissertação (mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, 1998.
- GALIA, Magda Cunha. O receptor idealizado pelo discurso radiofônico – uma análise do emissor em “Gaúcha Hoje” e “Flávio Alcaraz Gomes Repórter”. In: BIANCO, Nélia, MOREIRA, Sônia Virgínia. *Rádio no Brasil – Tendências e Perspectivas*. Rio de Janeiro: UERJ e UNB, 1999. P.143-147.
- GUEDES, Olga. Os estudos de recepção, etnografia e globalização. In: RUBIM, Antônio Albino, BENTZ, Ione Maria G., PINTO, Milton José. *Produção e Recepção dos Sentidos Midiáticos*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989, 323p.
- HAGUETTE, Teresa M. F. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- JACKS, Nilda Pesquisa de recepção e cultura regional. IN: SOUSA, Mauro Wilton (Org.). *Sujeito o Lado Oculto do Receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995. p.151-165.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

- KEHL, Maria Rita. Imaginário e pensamento. IN: SOUSA, Mauro Wilton (Org.). *Sujeito o Lado Oculto do Receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995. p.169-179.
- MATA, Maria Cristina. Saber sobre la radio. *Revista Signo e Pensamiento Radiografias*. [s.l.] Pontificia Universidad Javeriana, nº 33, p.91-98, nov., 1998.
- MARTÍN BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997, 356p.
- MOREIRA, Sônia Virgínia. *O rádio no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991.
- NUNES, Mônica Rebecca. *O mito no rádio – a voz e os signos de renovação periódica*. São Paulo:Annablume, 1993.
- ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A informação no rádio, os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo: Summus Editorial, 1985.
- SOUSA, Mauro Wilton. Recepção e comunicação: a busca do sujeito. In: SOUSA, Mauro Wilton (Org.). *Sujeito o Lado Oculto do Receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995. p.13-38.
- STRACCIA, Carlos. *Rádio e TV: Sedutoras companhias. Depoimento de um receptor*. Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo, nº 19, p.95-102, 1993.
- VAMPRE, Octávio augusto. *Raízes e evolução do rádio e da televisão*. Porto Alegre: Feplam – RBS, 1979.
- VASSALO LOPES, Maria Immacolata. *O rádio dos pobres – comunicação de massa, ideologia e marginalidade social*. São Paulo: Edições Loyola, 1988.